

*O Estado de São Paulo,  
Segunda Feira, 1 de março de 2004*

## Dirceu de 2003 vai fazer falta ESTRATÉGIA DO PRIMEIRO ANO DE GOVERNO DEVE SER PRESERVADA

*MARCELO DE PAIVA ABREU*

A crise política suscitada pelo caso Waldomiro explicitou a fragilidade do equilíbrio que se alcançou no primeiro ano da administração petista. Equilíbrio que, em importante medida, deveu-se ao realismo e ao peso político do ministro José Dirceu, seu principal estrategista. Tornou clara, também, a inconseqüência de boa parte dos críticos do governo. Alguns, em busca de redentora "queda de um anjo" que igualasse afinal o PT à fisiologia dos demais. Outros, órfãos ressentidos da "traição" engendrada pela cúpula do partido quanto à política econômica e às reformas.

A crise política atinge o País em um momento crucial em que há pouco a comemorar e muito a lamentar. O governo tem dificuldade em apresentar realizações concretas e as jogadas de efeito demonstram certa fadiga. Não há boas notícias quando se trata das políticas mais caras ao PT, as que possibilitariam a rápida melhoria do padrão de vida dos mais pobres e a volta ao crescimento econômico sustentado. A economia afinal pode crescer modestamente, mas com fôlego curto. Muitos dos críticos do alegado conservadorismo do Banco Central parecem não ter pejo em exhibir a sua crassa ignorância sobre economia e o Brasil. As páginas de Adam Smith sobre a divisão de trabalho estão entre os mais esplêndidos alicerces do iluminismo. É irônico que, no Brasil, da mecânica de automóveis à economia, haja tanto espaço para palpites de curiosos. A verdade é que os críticos da atual política econômica se têm revelado singularmente incapazes de propor alternativa que não nos conduza à ruína na primeira semana de implementação. É o caso de se apelar para a memorável incitação de John Stuart Mill, citada por Lionel Trilling, para manter o nível do debate: "que o Senhor ilumine os nossos adversários... Aguce a sua vivacidade e suas percepções, dê conseqüência e clareza ao seu raciocínio. Somos ameaçados pela sua insensatez, não pela sua sabedoria: é a sua fraqueza que nos preocupa, não a sua força."

Por outro lado, a política externa, à qual se havia reservado papel importante na pirotecnia governamental, revela-se incapaz de produzir resultados, em meio a metáforas de gosto duvidoso. O descontentamento com a interpretação palaciana do que sejam os "interesses nacionais" já se manifesta em documentos de segmentos mais competitivos da economia brasileira, em crítica algo tardia às posições adotadas pelo governo. Busca-se entender a essência das objeções frontais do governo a qualquer avanço significativo para acomodar as demandas dos EUA quanto a regras. O Itamaraty pareceu surpreendido com interpretação da Alca de geometria variável que seria facilmente previsível com base no simples bom senso. A um incauto pareceria até que um importante objetivo da atual política externa é

dilapidar o patrimônio acumulado em muitos anos de prática diplomática quando ainda se buscava a eficácia mantendo delicado equilíbrio entre imaginação e prudência. Enquanto isto, corifeus da atual política externa, em claro esforço de contenção de danos, reescrevem a história: agora as posições brasileiras na Alca foram de fato flexíveis; o grupo dos 14, com os EUA à frente, é que está sendo inflexível... Os Estados Unidos, entrincheirados no protecionismo, estão tendo sucesso em apresentar o Brasil como responsável principal pelo impasse nas negociações da Alca. Pode ser difícil aceitar no Palácio dos Arcos, e também no Planalto, mas o Brasil está levando um baile. Baile que decorre de mistura de erros de escalação e de armação tática baseada em idéias equivocadas sobre as reações do outro lado da mesa. É verdade que, em diplomacia, como em futebol, também temos bom banco, muita camisa e excelente escola, mas faltam muitos gols no fim do segundo tempo para salvar o resultado.

Ao contrário do que muitos analistas sugeriram, o inevitável enfraquecimento do ministro José Dirceu deverá redundar na perda de espaço do núcleo duro do governo que defende a prioridade de uma política econômica responsável. E, também, com a fragilidade percebida do ministro Dirceu, a fatura apresentada por aliados fisiológicos para aprovar os projetos de interesse do governo poderá aumentar astronômicamente. Isto poderá levar o PT a reconsiderar as suas alianças políticas. Um caminho que tem sido mencionado como possível seria a aproximação ao PSDB com o objetivo de formar um forte partido de centro-esquerda. Mas aproximação a qual dos PSDBs? Durante o governo Fernando Henrique Cardoso houve clara oposição entre os defensores de uma política econômica ortodoxa, apoiados pelo presidente, e o grupo dos "desenvolvimentistas" que defendia, e continua a defender, em diferentes formatos, menos ajuste fiscal, mais proteção e desvalorização cambial profunda, tudo viabilizado por maior leniência em relação a ameaças de recrudescimento inflacionário. Seria irônico que, buscando recompor suas alianças, o PT acabasse por abrir mão das poucas políticas que deram certo no seu primeiro ano de governo.

---

Marcelo de Paiva Abreu, doutor pela Universidade de Cambridge, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.